

Tu vens, eu já escuto os teus sinais

You come, I already hear your signals

Washington Luiz Barbosa da Silva

Resumo

O jesuíta e teólogo Joseph Moingt, para levar a termo a uma Teologia da Revelação satisfatória e plausível ao homem e à mulher contemporâneos, buscou caminhar a partir da história de Jesus no Novo Testamento bíblico. Resultou que Deus, pela encarnação de seu Filho, revelou-se como o *Deus que vem ao homem* – expressão pela qual o autor intitula as suas últimas obras. Dessa maneira, a Trindade econômica revela seu *em si* como doação e autocomunicação, pois se apresenta na historicidade concreta, na existência humana, como sendo um *para-nós*. Este artigo interessa-se, trilhando a reflexão teológica de Moingt, pela revelação do *Deus que vem* na história dos homens, e que constitui uma nova história com eles pela salvação. Outrossim, quer descobrir o que ocorre aos seres humanos quando enredados no tecido intersubjetivo com o *Deus conosco*, gerador da grande fraternidade também entre eles. Deus criou o homem e a mulher à sua imagem e semelhança em liberdade, amor e gratuidade soberana e, por isso, capacita-os na vivência de iguais atributos. A imagem de Deus no ser humano revela-se na capacidade de ele entrar em relação com o outro, porque Deus-Trindade é total doação e comunicação.

Palavras-chave: Deus. Intersubjetividade. Joseph Moingt. Revelação. Ser humano.

Abstract

The Jesuit and theologian Joseph Moingt, in order to carry out a satisfactory and plausible Theology of Revelation for contemporary men and women, he sought to walk from the story of Jesus in the biblical New

Testament. It turned out that God, through the incarnation of his Son, revealed himself as the *God who comes to man* – an expression by which the author entitles his last works. In this way, the economic Trinity reveals its *in itself* as donation and self-communication, because it presents itself in concrete historicity, in human existence, as being a *for-we*. This article is interested, following Moingt's theological reflection, by the revelation of the *God who comes* in the history of men, and who constitutes a new history with them through salvation. Also, he wants to find out what happens to human beings when entangled in the intersubjective fabric with *God with us*, generator of the great brotherhood also among them. God created man and woman in his image and likeness in freedom, love and sovereign gratuity and, therefore, it enables them to experience the same attributes. The image of God in the human being is revealed in the ability of him to enter into relationship with the other, because God-Trinity is total bestowal and communication.

Keywords: God. Intersubjectivity. Joseph Moingt. Revelation. Human being.

Introdução

O título do presente artigo foi retirado do refrão da obra musical de Alceu Valença, *Anunciação*; ela faz parte do disco *Anjo Averso*, de mesmo autor, lançado em 1983. Torna-se irrelevante a esta pesquisa tanto a música quanto a interpretação de sua letra, considerada por muitos com significados desde o religioso até aos de cunho político. Tal escolha surgiu apenas como desculpa à epígrafe do corrente texto que, acertada ao tema tratado, revela a essência e o desejo humano em escutar a *Voz do Deus que vem* ao seu encontro.

O *Deus que vem ao homem* foi um dos muitos temas tratados pelo Teólogo Jesuíta Joseph Moingt (Salbris, 1915 – Paris, 2020) em sua compreensão teológica. Este artigo tem a reflexão teológica do autor, exposta nos dois volumes *Deus que vem ao homem. Do luto à revelação de Deus (I)* e *Deus que vem ao homem. Da aparição ao nascimento de Deus (II)*, como seu principal fundamento. Conjuntamente, serão utilizadas as reflexões de Karl Rahner (Freiburg, 1904 – Innsbruck, 1984) por ter relevância quanto ao tema escolhido, e por Moingt mencioná-lo diversas vezes nestas suas obras. Também foram utilizados comentários de estudiosos com referência ao pensamento de Moingt.

A primeira seção do texto vigente se acercará ao tema da Revelação, do *Deus-para-nós* em autocomunicação à humanidade. Entretanto, não se exporá uma

Teologia da Revelação a partir da Metafísica; mas, seguindo o percurso adotado por Moingt, se chegará àquela proveniente da história de Jesus Cristo no Novo Testamento bíblico; isto é, de um Deus que se revela na Encarnação de Seu Filho, carregado de historicidade.

A segunda seção tratará de descobrir o que acontece ao ser humano quando está enredado no tecido histórico em que Deus mesmo está compreendido; de como ele se comporta em uma nova história, a da salvação – situado na experiência do Deus livre, amoroso e gratuito –, e chamado a imitá-lo quando vai ao encontro do outro.

O ser humano, causa de uma possível “escuta” ao Deus autocomunicante na história, a partir de seu rastro em seus sinais, foi marcado e enriquecido pelo Verbo divino quando o chamou à existência; obra também realizada pelo Espírito Santo em seu espírito finito e transcendente ao *Deus que vem*.

1. Tu vens

Os judeus ainda cantam, em suas liturgias, ao Eterno e inacessível, ao *Kadosh*, ao Santo Deus que era, que é, e que há de vir.¹ Os cristãos também repetem, baseados na Teologia Metafísica, que Deus é.² Os muçulmanos também afirmam a Deus como o absolutamente Transcendente, o “(...) Único e onipotente (...), pois Deus nunca teve filho e quer ser adorado com absoluta exclusividade (...)”.³ O dogmatismo diz o homem ser capaz de apreender a essência das coisas, pois os objetos do conhecimento são dados como tais;⁴ e Deus, também poderá ser conhecido, sabido em sua essência, em seu *si mesmo*, como o *Deus que é*?

O caminho trilhado em resposta ante tal questionamento será o de Joseph Moingt que, em aprofundados opúsculos cognominados como *Deus que vem*

¹ O uso da expressão *Kadosh* ou *Santo* repetido por três vezes nas liturgias das três grandes religiões monoteístas – judaísmo, catolicismo e islamismo – não se faz em referência ao Deus Trino cristão, mas por uma deficiência do texto original hebraico (para o judaísmo, e base à tradução para a língua grega no uso do cristianismo) e árabe (para o islã) por não haver uso superlativo em suas gramáticas. Estudos acadêmicos recentes, em perspectiva judaica e interreligiosa, encontraram nas narrativas evangélicas as palavras de Jesus com fortes indícios nas orações judaicas; dentre elas, o *Kaddish* que tem trechos semelhantes aos da oração do *Pai Nosso* cristão: “Santificado seja o vosso nome”, por exemplo (BRONSTEIN, H., *Conversando sobre a Torá com Jesus*, p. 74).

² MOINGT, J., *Deus que vem ao homem*, v. 1, p. 109.

³ DAWOOD, N. J. *Apud* CHALLITA, M., Apresentação ao Alcorão, p. 15.

⁴ HESSEN, J., *Teoria do conhecimento*, p. 25.

ao homem I e II, afirma o *Deus que vem*, o *Deus-para-nós*; e contrapõe-se à ideia de um Deus metafísico, dogmatizado. O autor apresenta o processo revelatório do *Deus que vem*, o qual quer ser percebido, não mais na perspectiva da necessidade.⁵ E Moingt sugere o viés seguro das narrativas neotestamentárias para se palmilhar em caminho tão sinuoso e desconhecido, pois

A cultura ocidental contemporânea, que perdeu faz tempo sua referência a Deus, não a reencontrará nas pegadas de nenhuma meditação metafísica, mas sobre os passos do homem de Nazaré de quem aprendeu desde sua juventude a conhecer a Deus, o da Bíblia, antes que se tornasse o Deus dos filósofos.⁶

Na expressão *Deus que vem ao homem*, o autor estudado afirma *homem* tanto ao indivíduo Jesus, em quem Deus se revela, quanto ao gênero humano com o qual Ele vem fazer história;⁷ onde “Deus não deixa de se aproximar do ser humano quando aceita desaparecer na obscuridade dessa história”.⁸ Segundo Karl Rahner, a história, ou o “fenômeno histórico”, oferece ao ser humano experimentar seu ser e agir, seu mundo interior e exterior, para colher sua essência histórica;⁹ é nesse campo que *Deus vem*, porque *Deus conosco!*

Moingt quer, pois, integrar o ser de Deus em relação com o mundo, com a história através de uma Teologia da economia trinitária, como princípio eterno do *Deus conosco*. Tanto o tema da Trindade Econômica como o da Encarnação de Cristo, obrigatoriamente em anexo ao trinitário, serão retomados mais abaixo.

Antes de tudo, questiona-se em qual fundamento teórico Moingt adquiriu a sua proposta de um *Deus-para-nós*, isto é, a Trindade Santíssima na história humana.¹⁰

A estrutura teológica do autor se insere naquela virada antropológica da Teologia católica,¹¹ que buscava corresponder às exigências complexas surgidas no âmbito antropológico quanto à existência humana em sua subjetividade.¹² Essa perspectiva teológica diferia sobremaneira da posição

⁵ MOINGT, J., *Deus que vem ao homem*, v. 1, p. 12-14; ROCHA, A. S., *O Deus que vem a nós*, p. 991.

⁶ MOINGT, J., *Deus que vem ao homem*, v. 1, p. 12.

⁷ MOINGT, J., *Deus que vem ao homem*, v. 1, p. 11.

⁸ MOINGT, J., *Deus que vem ao homem*, v. 1, p. 17.

⁹ RAHNER, K., *Uditori della parola*, p. 202.

¹⁰ MOINGT, J., *Deus que vem ao homem*. Do luto à revelação de Deus, p. 14. MOINGT, J. *Deus que vem ao homem*, v. 2, p. 316.

¹¹ ROCHA, A. S., *O Deus que vem a nós*, p. 993.

¹² Participam também dessa perspectiva teológica autores como Karl Rahner e Edith Stein. Isso é perceptível nas epígrafes, respectivamente, de suas obras: *Ouvinte da Palavra* e *Ser finito e ser*

teológica tradicional definida a partir da postura intelectualista, dedutiva e abstrata do conceito de Revelação.¹³ Desse modo, a reflexão de Moingt – a respeito da perspectiva de uma Revelação percebida na recepção humana, em sua subjetividade, e da gratuidade de Deus como dom ao homem – parte de uma fenomenologia¹⁴ da Revelação. Contudo, o autor não quer reduzir Deus ao ser humano nem é contra a existência do absoluto de Deus, mas é reticente à possibilidade de acessar a Deus absolutamente. Logo, quer sair de uma perspectiva metafísica que sistematiza o tema da revelação em proposições dogmáticas; e quer formular, conscientemente, o processo revelacional a partir da recepção humana, como um dado a construir.¹⁵

Outrossim, essa fenomenologia contemporânea irá afirmar que o ser humano é construído em uma história; ele nasce indivíduo e, na interação e em relação com outrem, torna-se pessoa e “humaniza-se”; sua humanidade é historicidade.¹⁶ Seguindo por esse viés, por exemplo, Moingt irá refletir sobre a Encarnação do Verbo na história como “(...) aquele que vem, alguém que nos concede menos a graça de vir até nós do que pede o favor de acolhê-lo em nós”.¹⁷

A Teologia da Revelação de Moingt perfaz o seguinte trajeto. Segue a proposta do Novo Testamento, em especial os Evangelhos, como senda,¹⁸ à luz da Teologia da Trindade Econômica, como segundo degrau, ascenderá até um terceiro: o da Revelação que Deus faz de si – na Encarnação – no homem Jesus; concomitantemente à Encarnação de Jesus, entrará no tema da doação do “Espírito de incorruptibilidade” à humanidade.¹⁹ Brevemente se exporá cada passo desse trajeto do autor.

eterno: ensaio de uma ascensão ao sentido do ser; pois partem, em sua teologia, da subjetividade humana à Revelação divina.

¹³ LIBANIO, J. B., Teologia da revelação a partir da modernidade, p. 59, 173.

¹⁴ A fenomenologia a qual se refere o presente texto é a de Edmund Husserl com seu lema “voltar às coisas mesmas”; quer dizer, perceber os fenômenos em si mesmos, pois a razão dos fenômenos está na doação, de como se dão, e não às instâncias externas ou anteriores a eles (BELLO, A. A., Introdução à fenomenologia, p. 17-18; ROCHA, A. S., O Deus que vem a nós, p. 992). O livro da professora italiana Angela Ales Bello sobre a fenomenologia da religião, *Il senso del sacro: dall’arcaicità alla desacralizzazione* da editora Castelvechi de 2014, segue a mesma abordagem da fenomenologia da revelação.

¹⁵ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 1, p. 14, 21-22; ROCHA, A. S. O Deus que vem a nós, p. 991-993.

¹⁶ ALVES, R. G., O conceito de encarnação no horizonte teológico de Joseph Moingt, p. 78.

¹⁷ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 2, p. 12.

¹⁸ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 2, p. 8; MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 1, p. 12, 20, 271-272.

¹⁹ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 1, p. 14.

A escolha pela narrativa neotestamentária. Moingt, ao citar a necessidade de os teólogos católicos de uma fundamentação cristã cultural e ontológica a partir da apologética filosófico-existencial do último século, e que seguiram a via da teologia da criação e da encarnação, engaja-se neste campo para estabelecer o fato histórico da Revelação dentro da própria Teologia. Quanto ao seu ponto de partida, ante as escolhas destes mesmos teólogos, será o da visão global da história de Jesus não como leitura historiográfica, mas sobre a base da pregação na realidade de Jesus na história dos Evangelhos. Jesus será observado no horizonte do *Reino que vem*, e não sobre o fundo da religião; o autor examinará a sua linguagem sobre Deus, depois questionará a revelação de Deus nos sinais, nos milagres e nos prodígios de Jesus; e, por fim, no evento da morte e ressurreição de Jesus fundará a sua reflexão sobre a Revelação de Deus.²⁰

Tal abordagem do autor insere-se perfeitamente nas ferramentas utilizadas na exegese bíblica das últimas décadas, a da história da interpretação,²¹ e da hermenêutica fenomenológica a respeito da questão receptiva da intenção do leitor,²² a partir da recepção na subjetividade humana, trata parágrafos atrás. Contudo, não se deve esquecer que Moingt afirmará que, ao fazer uma reflexão teológica dos textos bíblicos, não fará uma análise de exegese exaustiva para fins especulativos.²³

A via pela Trindade econômica. É a partir do axioma de Rahner, sobre a Trindade, que Moingt segue seu caminho reflexivo: “A Trindade da economia da salvação é a Trindade imanente e vice-versa”;²⁴ e a Rahner, ratificado em sua formulação teológica, se identifica o autor: “para conceber a Trindade, podemos sem temor partir da experiência de Jesus e de seu Espírito em nós, tal como aparece na história da salvação e da fé: nessa experiência já está dada a Trindade imanente”.²⁵ A promessa feita na introdução de seu tomo I, *Deus que vem ao homem. Da aparição ao nascimento de Deus*, de fazer um caminho diverso ao seguido pela tradição cristã dogmática, Moingt dirá: “Deus se revelara, no acontecimento da morte e ressurreição de Jesus, unido a ele numa

²⁰ MOINGT, J., *Deus que vem ao homem*, v. 1, p. 271-272.

²¹ São três os tipos de intenção na exegese bíblica: a intenção do autor (*intentio auctoris*), a intenção da obra (*intentio operis*) e a intenção do leitor (*intentio lectoris*) (ROCHA, A. S., *O Deus que vem a nós*, p. 987).

²² ROCHA, A. S., *O Deus que vem a nós*, p. 987.

²³ MOINGT, J., *Deus que vem ao homem*, v. 2, p. 85.

²⁴ Karl Rahner *apud* MOINGT, J., *Deus que vem ao homem*, v. 2, p. 94.

²⁵ Karl Rahner *apud* MOINGT, J., *Deus que vem ao homem*, v. 2, p. 94.

relação de Pai a Filho, e Jesus se mostrava unido a Deus e a nós por sua relação com o Espírito Santo, que ‘procede’ desse acontecimento”.²⁶

Dessa maneira, o Deus Uno e Trino é recebido em doação, em autocomunicação; Ele se dá à sua criação pela graça e pela Encarnação, Deus aparecendo como realmente é *em si*. Deus em *si mesmo* se apresenta na historicidade concreta da existência, em Jesus Cristo, como um *para-nós*. Por esse meio, Rahner expressou a doutrina cristã da Trindade em conexão com o esforço da inteligência da doutrina da encarnação, constatando que “na Trindade econômica da história da salvação e revelação, temos experimentado já a Trindade imanente em si mesma”.²⁷

Posto isso, Moingt, a partir do “e vice-versa” da tese rahneriana, expõe como a Trindade econômica se dá ao ser humano, sendo percebida em seu *em si*. É através do Verbo e o do Espírito, em dupla mediação, que Deus se comunica em *si mesmo* – em sua vida íntima, onde cada Pessoa divina se constitui e são especificadas por um modo de subsistência próprio determinante às suas relações entre si, não autonomamente e idêntica –, aos homens pela graça.²⁸

Deus se revela na encarnação, na morte e ressurreição do Filho. Uma parte da concepção encarnatória realizada por Moingt, enfatizada na seção I *Desde antes da fundação do mundo. Projeto criador e proexistência de Cristo*, em seu segundo volume, perfaz os hinos das cartas paulinas aos Efésios e aos Colossenses, e a Carta aos Filipenses; o autor apresenta a ideia de uma *proexistência* de Cristo ante a expressão *pré-existência* adotada pela Igreja sobre a existência eterna do Verbo. Moingt entende que, a partir de sua nova expressão, explica melhor a identidade de Jesus como Filho eterno de Deus, e consoante o plano salvífico de Deus em decisão eterna de tornar filhos adotivos todos os homens e mulheres por intermédio de Seu Bem amado (Ef 1,5). Isso ocorre com base no aspecto universal e transtemporal da morte e Ressurreição de Jesus; sendo, por isso, o *Deus-para-nós* e se desvelando a Trindade de Deus.²⁹ Dessa forma, “a história de Cristo é o desdobramento na história dos homens da revelação de Deus que se faz acontecimento de Jesus, o desdobramento no invisível da carne do mundo da eternidade de Deus que subtrai a carne de Jesus à sua dissolução no tempo”.³⁰

²⁶ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 2, p. 9.

²⁷ RAHNER, K., Curso fundamental sobre la fe, p. 169-170.

²⁸ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 2, p. 95.

²⁹ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 2, p. 316.

³⁰ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 2, p. 86.

De fato, a imagem de Jesus como o Filho de Deus, o Verbo de Deus do *Prólogo joanino* revisitado pelo autor em sua reflexão, se identifica ao Cristo encarnado, assim ligando-o automaticamente ao Cristo primogênito de toda a criação (Col 1,15).³¹ Dessa maneira, se compreende que o nascimento de Jesus não é o início absoluto, mas em contínuo à revelação do Verbo anterior ao vir na carne do mundo.³²

Afinal, Moingt concebe a encarnação do Verbo como um ato da revelação do Pai, na história humana, como uma “pré-história de Jesus (...), o processo da encarnação do Verbo em vias de realizar-se desde sempre”,³³ porque história da revelação.³⁴ Desse modo, a história da criação se desvela em história da salvação como um acontecimento da revelação prolongado no tempo.³⁵ Ela é dom que o Pai faz de seu Filho para permanecer *Deus conosco*,³⁶ assim, o Verbo se revela em Jesus como é em *si mesmo*,³⁷ como o Revelador do Pai, o *Lógos*,³⁸ o “primogênito de toda a criatura” (Col 1,15), que através de sua encarnação se coloca na condição de criatura na temporalidade.³⁹ E ao ser nomeado Filho – pelo Prólogo do Evangelho de João ao afirmar “e o Verbo se fez carne... e vimos sua glória, glória como do Filho único do Pai” (Jo 1,14) – apenas quando vem ao mundo; pois “(...) nesse ato de encarnação do Verbo acontece ao Pai igualmente devir, e torna-se outro, a saber, Pai de um homem e nele, potencialmente ao menos, Pai dos homens”.⁴⁰

Dessa maneira, Moingt põe o conceito encarnatório no centro do dogma trinitário, não querendo afirmar uma concepção metafísica do ato da encarnação ou do ato trinitário, mas torna precisa a noção de Deus apresentada pela revelação trinitária.⁴¹

O dom do Espírito. Por que o dom da vida intratrinitária ocorre por suas trocas, em intersubjetividade, em comunicação entre as Pessoas Divinas, a missão do Espírito Santo está implicada com a economia do Verbo e integrada à sua processão

³¹ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 2, p. 102-115.

³² ALVES, R. G., O conceito de encarnação no horizonte teológico de Joseph Moingt, p. 72.

³³ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 2, p. 315.

³⁴ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 2, p. 315.

³⁵ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 2, p. 265.

³⁶ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 2, p. 317.

³⁷ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 2, p. 325.

³⁸ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 2, p. 270, 318.

³⁹ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 2, p. 321.

⁴⁰ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 2, p. 321.

⁴¹ ALVES, R. G., O conceito de encarnação no horizonte teológico de Joseph Moingt, p.73. MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 2, p. 319.

a partir do Pai.⁴² Diante desse importante papel da Terceira Pessoa divina, se apontam suas três ações na economia trinitária segundo o pensamento de Moingt.

A primeira é resolver uma espécie de “contradição” gerada pela economia trinitária: a nova possibilidade que surge na origem do Verbo “(...) de um devir, uma missão, uma ‘economia’, um futuro, uma temporalidade que é princípio do tempo, um outro modo de existir que a eternidade (...) sob modo ‘do que advém’, daquilo ‘que passa’ sem poder ficar em si”.⁴³

A segunda é atualizar o processo de revelação de Deus em Jesus Cristo, em sua morte e ressurreição, no Corpo místico de Cristo. A vinda do Espírito é parte intrínseca do acontecimento da revelação e sua ação nas pessoas e na história conduz a revelação ao máximo, suscitando a fé em acolhê-la. Nesta vinda, o Espírito faz a passagem entre o corpo morto e ressuscitado de Jesus para o corpo dos crentes, no qual se realiza tornando-se visível como Igreja; por isso, a revelação não deve ser reduzida a um conceito ou ensinamento doutrinal, mas ato de Deus, intervenção na história, atividade bondosa pela qual vem em socorro dos homens e das mulheres como salvação.⁴⁴

A terceira apresenta o papel do Espírito entre a vida da Trindade e a vida das criaturas e do ser humano: “o Espírito foi emitido no Verbo para ser, entre a vida eterna e a vida criada no tempo, um meio de troca e ao mesmo tempo de separação e de comunicação, da maneira como ele é um lugar de passagem entre o Pai e o Verbo”.⁴⁵ Pelo mesmo motivo das trocas entre o Pai e o Filho, o Espírito tece um tecido de intersubjetividade onde cada *ente* criado é responsável por si e pelos outros, livre sujeito do amor de Deus. É na disposição do “possível” que o Verbo chama à existência o ser humano, como apelo de liberdade e amor, lugar de alteridade e interação; Deus assim pode fundar o universo não como um “fora” de si, lugar proibido, de alienação irreversível, mas espaço circunscrito e atravessado pelo amor trinitário.⁴⁶

2. Eu escuto os teus sinais

Em quais categorias o ser humano é capaz de acolher a Revelação, a Autocomunicação divina em seu ser? Com essa questão, iniciamos a segunda seção deste texto. O que a seção anterior do artigo aventou, era o que Moingt havia

⁴² MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 2, p. 115.

⁴³ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 2, p. 115.

⁴⁴ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 1, p. 329.

⁴⁵ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 2, p. 116.

⁴⁶ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 2, p. 116.

intencionado: “o que nos interessa é saber não simplesmente o que ela (a Trindade) faz, mas sobretudo em que ela se torna vindo a nós, fazendo história conosco, carregando-se de historicidade, tornando-se ela mesma história para nós”,⁴⁷ e, ainda seguindo Moingt, o que é do interesse da segunda seção deste artigo: “(...) descobrir o que acontece com o homem quando se encontra enredado no tecido em que Deus mesmo está ‘compreendido’”.⁴⁸

A abertura humana, seja a Deus ou aos outros entes criados, é um chamado do Verbo divino à *ek-sistência*.⁴⁹ Devem ser *outros* no Verbo, do mesmo modo como o Verbo é Outro para Deus. Outrossim, é o Espírito de Deus que tece a intersubjetividade dos seres, tendo por modelo a mesma intersubjetividade intratrinitária.⁵⁰ De fato,

O amor que faz que o ser de Deus seja essencialmente Trindade é ao mesmo tempo intersubjetividade, ou autodisposição do ser divino em muitos sujeitos no interior do mesmo ser, e criacional, ou autodispensação do amor divino em um mundo concebido como tempo e espaço que não são imanentes ao ser divino, mas cuja finalidade última é também intersubjetividade.⁵¹

O ser humano, espírito finito na história, está predisposto a uma abertura ao ser. Tal abertura tem correlação a Deus, à sua revelação, pois essencialmente sempre a “escuta”. Deus, em seu ser absolutamente aberto, é o termo último da transcendência humana; por ser livre e absoluto em sua vontade, sustenta o ser finito do ser humano ainda não potencializado em seu ser pessoal. Por outro lado, os homens e as mulheres podem fechar-se diante da Revelação divina por terem sido criados livres. O ser humano está sempre diante do ser atuante de Deus na história, em sua revelação.⁵²

Moingt ratifica que, sendo Deus liberdade, amor e gratuidade soberana, e o ser humano sendo criado à imagem e semelhança divina é também capaz desses atributos. A imagem de Deus nos homens e mulheres revela-se na capacidade de eles entrarem em relação com o outro; relação que implica liberdade e escolha afetiva a dirigir a

⁴⁷ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 2, p. 162.

⁴⁸ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 2, p. 162, 308.

⁴⁹ Moingt utiliza a filologia do termo *existir* (*Ek-sistir*) como ato de surgir de si, de vir a existir, de dar-se o ser, que “está sempre em ato de vir de si a si” (MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 2, p. 92). Ele utiliza esse conceito a Deus, mas pode muito bem ser utilizado às criaturas.

⁵⁰ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 2, p. 92, 110-113, 116.

⁵¹ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 2, p. 113.

⁵² RAHNER, K., Uditori della parola, p. 128-130.

palavra ao outro, como num *eu* ao *tu*. E porque Deus-Trindade é capacidade de dar-se ao outro em amor, o ser humano como Sua imagem está apto a ir ao encontro do outro. O autor ainda afirma o sujeito humano ser o único *ente* capaz em não permanecer da mesma forma quando foi criado e lançado no mundo; sua identidade é sempre um devir interiormente trabalhado por uma alteridade que o atrai para além de si, transcendendo a si. Porém, para ser totalmente livre e amante, necessita ser responsável por seu próprio crescimento: deve esforçar-se por libertar-se daquilo que o limita a amar na ordem da gratuidade como essência do amor em favor do outro.⁵³

A liberdade do ser humano em amar tem seu fundamento no ato livre do amor de Deus. Deus oferece-se a si mesmo, em força livre e criativa, com uma “capacidade” altruística em ofertar ao outro a sua própria “riqueza de ser”. O amor é capaz de iluminar a consciência humana, fazendo-o conhecer o infinito através do finito; com efeito, igual consciência tem em sua essência última e luminosa o amor. Deus, amor em essência, eleva o ser humano como objeto de seu amor à luz do ser: Ele mesmo. O finito passa a participar da luminosidade do Ser enquanto Deus o ama, permitindo uma lógica na liberdade do Ser encontrada na lógica do amor. Logo, “No coração da transcendência do espírito finito palpita um amor para com Deus. A abertura do homem ao ser absoluto de Deus é a afirmação própria e característica da existência e vice e versa”.⁵⁴

Conforme Moingt, o ser humano foi criado co-criador de sua humanidade, necessitando ser responsável por seu crescimento em amor e liberdade. Ele sendo um ser de liberdade e amor, está totalmente mobilizado num *dever-ser*. Ao dizer que o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus, se afirma acontecer uma contínua atividade trinitária na ordem da relação não causal. Além do mais, homens e mulheres para fazerem-se semelhança de seu Criador necessitam vê-IO como modelo e reproduzi-lo; entretanto para isso ocorrer, devem conhecer a Deus e deixar serem ordenados em sua liberdade e amor, conforme a Sua vontade.⁵⁵

Contudo, o sujeito humano é impossibilitado de imitar perfeitamente a Deus porque é mortal; e Deus, essencialmente ser vivente, leva a Trindade a engajar-se na salvação do ser humano da morte. A pessoa humana não teria forças para tanto, mas criado à imagem da Trindade, ela não se deixa desistir dele. Da parte humana, o único necessário é que não se prenda aos bens corruptíveis, pois o arrastariam à perdição e à morte. Igual engajamento divino, já apontado na ordem bíblica “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança” (Gn 1,26), precisa da cooperação do ser humano neste

⁵³ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 2, p. 165-166.

⁵⁴ RAHNER, K., Uditori della parola, p. 135-137.

⁵⁵ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 2, p. 167-168, 279.

trabalho. Como o resultado de tudo isso não é previamente garantido da parte humana, Deus está trabalhando no mundo e preparando a sua imagem desde esse momento de Seu “Façamos”. Isso ocorre quando o Pai concebe seu Verbo e contempla nele sua imagem e vê a possibilidade em reproduzi-la ao infinito; e entre a Trindade eterna e sua reprodução de imagem no mundo há só amor, doação e gratuidade. Segundo Moingt, este é o extremo da singularidade na criação do ser humano.⁵⁶

A gratuidade é uma das características da autocomunicação de Deus ao ser humano. A doação é o ato da mais alta liberdade de Deus, abertura incondicional de intimidade última, amor absoluto. Afinal é “indevida” e “graciosa”, como linguagem da teologia cristã: gratuidade de Deus que, anterior ao fechamento dos homens e mulheres na culpa, refere-se aos entes criados e ao ser humano, sendo para este um dom do perdão. O livre amor de Deus se faz princípio interno da realização da existência humana doando-se a “todo e a cada homem”; mas nem por isso se torna menor ou deixa de ser sobrenatural por doar-se a esses entes dotados de ilimitada transcendência. De fato, doando-se a todos os humanos, Deus torna sua Revelação evento de sua absoluta autocomunicação.⁵⁷

O “ato criador se faz como um dizer”.⁵⁸ Ao criar, Deus troca em comunicação entre as Pessoas divinas e o mundo, pois seu ato criador deve ser traduzido em ato revelador; o desígnio de Deus é introduzir suas criaturas em intimidade consigo. A criação humana é ainda mais singular como obra revelatória: Deus dá-lhe a Sua imagem, e o tem sob o seu olhar; Deus passa a se revelar a ele em autocomunicação, em comunicação na história. De fato, a existência trinitária de Deus faz sua Palavra permanecer viva – ato livre e espontâneo, puro acontecimento de comunicação de si, diretamente de sujeito a sujeito –, porque o Verbo gerado entra no devir do criado, fazendo surgir o ser. Afinal, “ao apelo dessa Palavra, dessa convocação à liberdade e ao amor, apareceu um ser ‘à semelhança de Deus’, em que a revelação, agora recebida, tomou sua primeira forma de existência efetiva”.⁵⁹

O ser humano, segundo Rahner, é o lugar da mais absoluta autocomunicação de Deus, não apenas quando se faz presente à pessoa humana em sua transcendentalidade absoluta, mas por que se comunica como Ele mesmo. Igual Autocomunicação divina é dada por modo de proximidade, e, não somente, como presença que se ausenta. Porquanto, Deus comunica-se a si mesmo à criatura finita sem deixar de ser realidade infinita e Mistério absoluto;

⁵⁶ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 2, p. 167-168, 279.

⁵⁷ RAHNER, K., Uditori della parola, p. 153, 158.

⁵⁸ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 2, p. 265.

⁵⁹ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 2, p. 266, 269, 275, 277.

outrossim, não permite que o ser humano perca sua singularidade, sem deixar de ser diferente – outro. O ser humano é a possível acolhida à autoexpressão divina, único ouvinte da Palavra revelada na história.⁶⁰

Deus se revela comunicando-se, afirma Moingt, não como numa maneira humana fonada, ou num discurso construído.⁶¹ A comunicação de Deus se faz na palavra viva e dinâmica do Verbo ante aos seres humanos, convidando-os à recepção da comunicação divina, no ato de acolher ao *Deus que vem* no amor.

Conclusão

Respondendo ao convite de Joseph Moingt, seguiu-se seu caminho ao refletir o *Deus que vem*: o Novo Testamento bíblico como senda; a Trindade econômica como fresta à Trindade imanente; a Encarnação do Verbo divino como porta a essa Trindade; e o Espírito Santo, em concomitância ao mesmo Verbo de Deus, como “lugar de passagem” entre Deus e a humanidade. O autor, em giro teológico, igual como realizou Karl Rahner, devolveu a doutrina encarnatória a seu devido lugar originário na reflexão teológica católica sobre a Trindade: o seu coração, o seu centro. A partir de tal reflexão, a pesquisa trouxe à tona a teologia de Moingt e de Rahner sobre a Revelação a partir “de baixo”, da apreensão subjetiva humana.

A reflexão teológica do presente texto, sobre a Encarnação de Jesus em consonância à Trindade econômica no pensamento de Moingt, aponta conseqüentemente a uma teologia em referência ao ser humano – uma antropologia teológica – a qual valoriza sua singularidade, sua autonomia e liberdade ante a autorevelação Divina em perfeita proximidade. Não poderia ser diferente, pois se aprendeu, através de Moingt, que o chamado de o ser humano ser comunicação aos outros, em intersubjetividade, provém da mesma dinâmica interna trinitária. Isso porque homens e mulheres foram criados a partir do chamado do Verbo à existência, a um *ek-sistir*.

O Espírito Santo, “lugar de passagem” das trocas entre o Pai e o Filho, segundo Moingt, é também responsável pela intersubjetividade humana tanto a Deus quanto às outras pessoas humanas. Ele tece um tecido de comunicação entre os seres humanos; e atento em ensinar à pessoa humana a comunicar-se, lhe exige um sair. Obviamente, o ser humano assim como deve sair de si, necessita entrar em si como também ocorreu a Deus na Encarnação: entrando

⁶⁰ RAHNER, K., Curso fundamental sobre la fe, p. 151; RAHNER, K., Uditori della parola, p. 61.

⁶¹ MOINGT, J., Deus que vem ao homem, v. 2, p. 301.

na história, coloca-se em processo de construção, em comunicação. No caso do ser humano, ele é a única criatura que não permanece igual – indivíduo – quando foi lançado no mundo, quando cresce na intercomunicação com os outros, e se humaniza constantemente tornando-se *pessoa*.

Deus sendo abertura, gratuidade, liberdade e amor potencializa os *outros*, quando foram chamados à existência pelo Seu *Outro* (o Bem Amado) nesse mesmo caminho. A Trindade historicizada principiou uma nova vida na história humana tornando-a História da salvação pela vinda do Filho na Encarnação: tecido enredado pela proximidade do *Deus conosco* como constante convite ao ser humano a entrar na dinâmica comunicativa da doação de si.

Referências bibliográficas

ALVES, R. G. **O conceito de encarnação no horizonte teológico de Joseph Moingt**. São Paulo, 2017. 130p. Dissertação. Faculdade de Teologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_SP-1_95a8f037ba59bf00e6b17eda3c042451>. Acesso em: 20 mai. 2021.

BELLO, A. A. **Introdução à fenomenologia**. Bauru-SP: Edusc, 2006.

BRONSTEIN, H. Conversando sobre a Torá com Jesus. In: BRUTEAU, Beatrice (Org.). **Jesus segundo o judaísmo**: rabinos e estudiosos dialogam em nova perspectiva a respeito de um antigo irmão. São Paulo: Paulus, 2011. p. 67-86.

CHALLITA, M. Apresentação ao Alcorão. In: ALCORÃO. **O Alcorão**: livro sagrado do Islã. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2017.

HESSEN, J. **Teoria do conhecimento**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

LIBANIO, J. B. **Teologia da revelação a partir da modernidade**. São Paulo: Loyola, 1992.

MOINGT, J. **Deus que vem ao homem**. Da aparição ao nascimento de Deus. São Paulo: Loyola, 2010. v.2.

MOINGT, J. **Deus que vem ao homem**. Do luto à revelação de Deus. São Paulo: Loyola, 2010. v.1.

RAHNER, K. **Curso fundamental sobre la fe**: introducción al concepto de cristianismo. Barcelona: Editorial Herder, 1976.

RAHNER, K. **Uditori della parola**. Roma: Borla, 1988.

ROCHA, A. S. O Deus que vem a nós: reflexões hermenêutico-teológicas da revelação desde cima e desde baixo. **Revista Horizonte**, v.15, n.47, p. 974-996, jul./set. 2017. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2017v15n47p974>>. Acesso em: 20 mai. 2021.

Washington Luiz Barbosa da Silva

Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do
Rio de Janeiro
Rio de Janeiro/RJ – Brasil
E-mail: washingtonsantaface@gmail.com

Recebido em: 01/09/2021

Aprovado em: 07/01/2022